

A arqueologia da paisagem mineira romana: a Hispânia e a Lusitânia

Alex da Silva Martire*

MARTIRE, A.S. A arqueologia da paisagem mineira romana: a Hispânia e a Lusitânia.
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 11: 71-75, 2011.

Resumo: Este projeto de mestrado constitui desdobramento e aprofundamento de uma temática apresentada na pesquisa de iniciação científica (com bolsa FAPESP), realizada entre outubro de 2006 e junho de 2008: a mineração. O objetivo central é analisar a complexidade presente na paisagem mineira romana do território hispânico, centrando-se também no estudo da província da Lusitânia. Com base nas fontes de época e na bibliografia interpretativa dessas fontes serão buscados recursos que esclareçam o papel da exploração mineral provincial e seus reflexos no Império Romano. Para tanto, far-se-á uso da metodologia pertencente à Arqueologia da Paisagem a fim de se examinar três segmentos fundamentais na mineração: a zona de extração, a infraestrutura e a mão-de-obra necessárias à atividade.

Palavras-chave: Tecnologia – Mineração – Sociedade – Império romano – Hispânia – Lusitânia.

O projeto de Mestrado que desenvolvo no Museu de Arqueologia e Etnologia tem como objetivo central analisar a complexidade presente na paisagem mineira romana do território hispânico. Com base nas fontes de época e na bibliografia interpretativa dessas fontes são buscados recursos que esclareçam o papel da exploração mineral provincial e seus reflexos no Império Romano. Pesquisa-se a arqueologia presente na paisagem a fim de se examinar três segmentos fundamentais na mineração: a zona de extração, a infraestrutura e a mão-de-obra necessárias à atividade.

Meu objetivo agora, no entanto, não é dar descrições sobre artefatos ou grandes estruturas

escavadas ao longo dos anos: antes, prefiro fazer o recorte sobre o tema da *paisagem*, uma vez que está inserida nela toda (ou quase toda) a Arqueologia.

Paisagem é uma conceituação que, felizmente, ainda não está totalmente aceita: muitas pessoas têm muitas ideias diferentes sobre ela, e talvez todas estejam corretas. Assim sendo, é necessário ao pesquisador definir seu objeto de estudo, tentando deixá-lo claro aos leitores. A paisagem geralmente é confundida com natureza: todos possuem entre suas fotografias alguma “paisagem” seja ela a foto de uma montanha, de árvores, do oceano. A paisagem, de modo geral, é fotografada como algo bem amplo, com enquadramento retangular e distribuído desigualmente pelo visor de nossas câmeras digitais. Essa “desarmonia” entre elementos presentes na paisagem capturada através das lentes geralmente obedece a uma ordenação, mesmo que inconscientemente.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestrando em Arqueologia. <alex.martire@usp.br>



Fig. 1. Agnès Varda, *Ulysse*, 1954.

Entre desenhistas e pintores essa desigualdade é conhecida como Princípio dos Três.

Resumidamente falando aqui, a composição realizada por esse princípio deve levar em consideração os seguintes aspectos: a capacidade de visão de nossas córneas, que enxergam melhor horizontalmente do que verticalmente; a divisão do horizonte em dois, cabendo ao céu uma parte maior do que o terreno; e o deslocamento dos objetos do primeiro plano mais à direita ou à esquerda para melhor harmonização do conjunto. Basicamente, toda paisagem cumpre esses requisitos, mesmo que os elementos fotografados ou pintados possam ser outros, como no caso da Fig. 1.

A francesa Agnès Varda optou por transformar a dicotomia céu/terreno do horizonte em outra: mar e terreno. O que poderia ser o céu cede espaço às pedras da praia e ganha a proporção substancial do horizonte. Nessa fotografia também está presente o Princípio dos Três, mas ao invés de montanhas ou árvores, temos seres humanos e animais distribuídos entre os planos. Como o título pode sugerir, a fotografia é uma recriação, é uma reapropriação de um passado (nesse caso, literário): a epopeia de Homero. Ulisses observa as águas enquanto seu filho Telêmaco está mais preocupado com a ovelha/cabra/carneiro (?) caída sobre as pedras,

em primeiro plano. A paisagem, desse modo, perde a sua característica puramente natural: há mais do que terra, céu e água na representação, e mesmo assim continua a ser uma paisagem.

Se a paisagem é algo capturado, é uma representação, o que ela representa, afinal?

Outra imagem pode me auxiliar (Fig. 2).

Um fim de tarde no prédio da História. O prédio está um tanto vazio, e uma pessoa que não conhecesse o local poderia dizer que o prédio assim está porque os alunos estão em aula. Ledo engano. A paisagem da sala de aula obtida no mesmo dia e praticamente o mesmo horário mostra a realidade (Fig. 3).

A fotografia foi realizada em uma sexta-feira à tarde: dia típico de abandono de aulas. Voltando à imagem anterior do prédio da História, podemos observar os transeuntes interagindo com o espaço construído, caminhando sozinhos ou socializando-se em pequenos grupos na rampa do prédio. A fotografia sempre é algo mudo e surdo, ela pode ser, como vimos, uma paisagem. Porém, a paisagem é apenas um instantâneo de algo maior, de algo dinâmico, algo que o antropólogo britânico Tim Ingold (1993) denomina *taskscape* (paisagem-tarefa). Essa paisagem-tarefa é um conjunto de atividades/ações exercidas pelos



Fig. 2. Prédio da História, FFLCH, 2006. Foto do autor.



Fig. 3. Sala de aula do prédio da História, FFLCH, 2006. Foto do autor.

seres humanos para estabelecer um convívio social: ela é aquilo que *ouvimos*, que *sentimos*, que *experimentamos*. A paisagem-tarefa é o nosso cotidiano, no qual construímos prédios, pavimentamos ruas e estradas, fazemos uma

cabana na mata etc. A paisagem-tarefa independe de nossa presença: não precisamos *ver* aquilo que nos rodeia: sabemos que há trânsito, pessoas conversando, gente interagindo com o mundo: basta *ouvir* da janela de nossas casas,

não precisamos ir até elas. Desse modo, o prédio da História é uma paisagem, pois captura um instante do dia-a-dia da vida por ali.

Certamente a paisagem-tarefa vivenciada pelos romanos desde que chegaram à Península Ibérica, no século III a.C., variou. Os romanos encontraram outro tipo de paisagem, diferente daquela a qual estavam acostumados no Lácio: pela Ibéria haviam passado fenícios, gregos e cartagineses, além das populações autóctones (os iberos) que ocupavam todo o território. Enfocando o quesito econômico, metalífero, podemos afirmar sem dúvidas de que a paisagem-tarefa das regiões de mineração construída por todos esses povos anteriores aos romanos já estava bem enraizada: a Ibéria sempre foi conhecida na Antiguidade por seus metais preciosos. Os romanos estabeleceram controle sobre regiões já exploradas e também abriram novas frentes de exploração mineral por todo o território. Dois exemplos de grandes zonas de extração mineral estão presentes dentro das fronteiras do atual Portugal: Trêsminas e Aljustrel.

Trêsminas, ao norte, na região de Trás-os-Montes, foi um enorme complexo de extração aurífera nos três primeiros séculos depois de Cristo. A intervenção romana na serra onde se localiza Trêsminas compreende mais de 100 Km², fazendo parte uma necrópole, um possível hipódromo, uma *domus* administrativa, além das áreas de extração, lavagem e fundição dos minérios de ouro. A paisagem-tarefa criada pelos romanos em Trêsminas se torna ainda mais incrível quando observamos a extensão e profundidade dos trabalhos exercidos para a retirada dos minérios, como a Corta de Covas, por exemplo, com 340 m de comprimento e 110 m de altura.

Toda a Corta é permeada por poços e galerias, transformando a paisagem mineradora em algo um pouco semelhante a um queijo-suíço.

Aljustrel, por sua vez, fica no sul de Portugal, na região de planícies do Alentejo. Aljustrel, no período romano, era denominada Vipasca. Vipasca, por sua vez, foi uma área mineradora de cobre que legou aos arqueólogos, na transição dos séculos XIX para o XX, um importante documento que auxilia os pesquisadores: as Tábuas de Vipasca: um conjunto de tábuas de bronze que contêm as regulamentações de diversas atividades no âmbito da mineração, tais como arrendamentos, venda de madeira e o número certo de sapateiros que poderiam trabalhar próximos à mina. Embora ainda reste muito a ser escavado nessa região, o montante de escórias de cobre e a quantidade de oficinas de queima de minérios já encontradas denotam a sua intensa atividade mineradora.

Uma atividade tão ampla que, ainda hoje, permanece: as escavações em Vipasca acontecem dentro da atual Mina de Algarès, em pleno funcionamento. Desse modo, temos duas paisagens-tarefas que convivem no mesmo perímetro: uma romana e uma atual, ambas modificadoras da natureza (e responsáveis por lindas paisagens capturadas).

Assim sendo, fica claro que toda paisagem-tarefa é mutável e, conseqüentemente, toda paisagem o é também. Seja ela uma pintura de Monet, uma fotografia de Varda, um prédio quase vazio da FFLCH ou uma mina de cobre, essa paisagem sofre também as influências dos arqueólogos, que a modificarão com um intento próprio, embora nem sempre tenham consciência de que fazem isso.

Referência bibliográfica

- INGOLD, T.
1993 "The temporality of the landscape". In: *World Archaeology*. London: Taylor & Francis Ltd., v. 25, nº 2.

MARTIRE, A.S. Archaeology of Roman mining landscape: Hispania and Lusitania.
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 11: 71-75, 2011.

Abstract: This project is the unfolding and deepening of a theme presented in a FAPESP financed program of scientific initiation carried on from october 2006 to june 2009, namely, mining. The central goal is to analyze the complexity present in the Roman mining landscape in the Hispanic territory, including Lusitania. Based on the classic bibliographic sources and its interpreters we will look for resources which enlighten the role of provincial mining exploration and its reflexes on the Roman Empire. For that, use will be made of the methodology pertaining to the Landscape Archaeology in order to examine three fundamental segments of mining: the extraction zone, the infrastructure and the man power necessary for that activity.

Keywords: Technology – Mining – Society – Roman Empire – Hispania – Lusitania.